

O relato bíblico da criação: entre o fundamentalismo e os LGBT

A compreensão de que a Bíblia não pode ser lida de modo fundamentalista também precisa passar pelas questões concernentes à sexualidade.



A evolução das ciências e da sociedade também levou cristãos a lerem de outro modo os textos sagrados. (Reprodução/ Pixabay)

Por Luís Corrêa Lima*

Um dos principais pilares do credo cristão é a fé em Deus criador do céu e da terra. Isto inclui o mundo, a natureza e o ser humano como criação divina, obra de um ser poderoso e bom, destinada a resplandecer a sua glória e a participar da sua vida. O relato bíblico da criação, contido nos primeiros capítulos da Bíblia, marcou a tradição judaico-cristã e a cultura humana. No princípio de tudo não está o caos, mas o próprio Deus. Pela sua palavra surgem a luz, os astros, as águas, os continentes e a vida. A humanidade vem do sopro divino sobre a matéria, constituindo-se como imagem e semelhança divina e guardiã da criação. Neste relato, muitas gerações encontraram sentido para a vida, a felicidade, a família, a civilização, as normas que regem a sociedade, e também para lidar com o mal e a morte.

Com o passar do tempo, surgiram questionamentos sobre certos pontos: a criação do universo em seis dias, a terra ter surgido antes do sol e das estrelas, o homem ter vindo direto do pó da terra e a mulher ter saído da costela do homem. Também a dominação masculina sobre a mulher (“sentir-te-ás atraída por teu marido e ele te dominará”– Gn 3,16) foi questionada.

Como reação a estes questionamentos, gerou-se no final do século XIX e início do século XX um apego intransigente à letra do texto bíblico, que é o fundamentalismo. A Palavra de Deus, por ele inspirada, supostamente estava isenta de erro e deveria ser interpretada literalmente em todos os seus detalhes. Aos que ousavam questioná-la em nome da razão, apresentou-se por muito tempo o dilema: “ou você crê, ou você pensa”. Esta sinuca ideológica afastou da religião cristã muitas pessoas de reta intenção.

Felizmente a evolução das ciências e da sociedade também levou cristãos a lerem de outro modo os textos sagrados, libertando-os do dilema perverso. Com o papa Pio XII e depois com o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica assimilou métodos científicos de interpretação da Bíblia, incorporando o auxílio de diversas ciências desde a arqueologia à literatura. O leitor contemporâneo deve buscar o sentido que os autores sagrados em determinadas circunstâncias, segundo as condições de seu tempo e de sua cultura, pretenderam exprimir servindo-se de modos ou gêneros literários então usados. Deve-se levar em conta as maneiras próprias de sentir e narrar em uso no tempo deles, como também os modos que se empregavam nas relações entre os homens daquela época. Foi assim que a Palavra de Deus chegou até nós: não ditada por ele, mas inspirada, trazendo também as marcas do seu enraizamento histórico.

O fundamentalismo não deixou de existir e de ter muita força. Mas hoje a Igreja alerta para o seu risco: por recusar qualquer questionamento ou pesquisa crítica, coloca na vida dos fiéis uma falsa certeza, confundindo as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem. Isto convida implicitamente a uma forma de “suicídio do pensamento”. Contra as evidências, cristãos fundamentalistas continuam afirmando que o mundo foi feito em seis dias, a mulher veio da costela do homem e deve ser por ele dominada.

Hoje outra questão se coloca: a realidade da população LGBT que se tornou visível no mundo contemporâneo. É preciso aprofundar a reflexão sobre a criação do ser humano na dualidade homem e mulher. Sem negar esta dualidade original e seu valor, cabe considerar que nem todas as pessoas são heterossexuais e nem todas se identificam com o sexo que lhes é atribuído ao nascer. Isto não é opção delas, mas algo constitutivo do seu ser, com componentes biológicos e psicossociais. São faces da complexa diversidade entre homem e mulher, que não pode ser simplificada em uma leitura rasa e grosseira. Não se pode impor a todos que vivam como heterossexuais e identificados com o sexo que lhes é atribuído ao nascer.

Também nesta complexa diversidade, o ser humano continua sendo criação divina, obra de um ser poderoso e bom, destinado a resplandecer a sua glória e a participar da Sua vida.

*Luís Corrêa Lima é sacerdote jesuíta e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Trabalha com pesquisa sobre gênero e diversidade sexual, e no acompanhamento espiritual de pessoas LGBT.